



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

IVANILDA BARRETO DE MEDEIROS

**O LÚDICO COMO INTERFACE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM
DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E
HIPERATIVIDADE (TDAH)**

Juazeiro do Norte
2020

IVANILDA BARRETO DE MEDEIROS

**O LÚDICO COMO INTERFACE NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE
ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

IVANILDA BARRETO DE MEDEIROS

**O LÚDICO COMO INTERFACE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM
DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E
HIPERATIVIDADE (TDAH)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
coordenação do curso de Psicologia do Centro
Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito
para obtenção de grau de Bacharelado em
Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Esp. Cícera Jaqueline Sobreira Andriola
Orientadora

Dr. Joaquim Iarley Brito Roque
Avaliador

Me. Larissa Maria Linard Ramalho
Avaliadora

O LÚDICO COMO INTERFACE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

Ivanilda Barreto de Medeiros¹
Cícera Jaqueline Sobreira Andriola²

RESUMO

O presente artigo aborda a ludicidade no processo de ensino-aprendizagem de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O objetivo geral é demonstrar como o lúdico pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças que apresentam esse transtorno, apresentando-se como uma prática pedagógica viável no processo ensino. Os objetivos específicos têm por intuito identificar como a escola pode lidar com aluno com TDAH, como o lúdico pode ser visto dentro das ações pedagógicas, e quais os benefícios deste, utilizado pelos profissionais de educação em casos de crianças portadoras de TDAH. Neste viés, o percurso metodológico foi fundamentado em uma abordagem qualitativa, delineado por uma pesquisa bibliográfica através de materiais físicos e digitais de acordo com a temática abordada. Considera-se que o lúdico é uma estratégia que favorece o processo de ensino-aprendizagem ao aluno com disfunção, tornando-se necessário essa prática no contexto pedagógico.

Palavras-chave: Lúdico. Ensino-aprendizagem. Crianças. TDAH.

ABSTRACT

This article addresses playfulness in the teaching-learning process of children with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). The general objective is to demonstrate how playfulness can contribute to the development and learning of children with this disorder, presenting itself as a viable pedagogical practice in the teaching process. The specific objectives are intended to identify how the school can deal with students with ADHD, how playful can be seen within the pedagogical actions, and what are the benefits of this, used by education professionals in cases of children with ADHD. In this way, the methodological path was based on a qualitative approach, outlined by a bibliographic research through physical and digital materials according to the theme addressed. It is considered that playfulness is a strategy that favors the teaching-learning process to students with dysfunction, making this practice necessary in the pedagogical context.

Keywords: Ludic. Teaching-learning. Kids. ADHD.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: ivanildamedeiros13@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: jaqueline@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O transtorno de Déficit de Atenção e hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico geralmente percebido na infância, que perpassa com o indivíduo durante toda a sua vida. De acordo com Silva (2009), ele se caracteriza por sintomas de inquietação, desatenção e impulsividade excessiva, e tem se destacado nos últimos anos como um problema desafiador que afeta a vida cotidiana tanto do sujeito.

Atualmente, o âmbito escolar tem sido considerado um espaço de intenso contato entre professores e alunos, procurando evidenciar a diversidade e o processo de inclusão como algo presente nas salas de aulas, porém trabalhando na maioria das vezes apenas com métodos didáticos teóricos tradicionais, podendo acarretar em um processo lento e demorado, ou em algumas vezes, ineficaz, se tornando necessário, estratégias que facilitem esse ensino. Segundo Cunha (2012), o lúdico é uma ótima estratégia para o ensino e a aprendizagem de crianças diagnosticadas com TDAH, pois minimiza problemas de comportamentos hiperativos. Neste sentido, o presente estudo proporciona reflexões sobre: como o lúdico pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem de crianças que apresentam TDAH?

Frente ao exposto, e as necessidades educativas especiais, essa pesquisa tem como objetivo geral demonstrar como o lúdico pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças que apresentam TDAH, e apresenta como objetivos específicos: identificar como a escola pode lidar com aluno com TDAH, como o lúdico pode ser visto dentro das ações pedagógicas, e quais os benefícios deste, utilizado pelos profissionais de educação em casos de crianças portadoras desse transtorno.

O presente estudo justifica-se a princípio, pela inconformidade da autora em compreender como ainda há muitos psicopedagogos/professores que não abrem mão de desfocarem do método de ensino teórico tradicional com alunos que apresentam TDAH, originado a partir de uma experiência vivenciada na disciplina de psicologia e problemas da aprendizagem.

No que se refere a importância da pesquisa para a sociedade, torna-se pertinente materiais que possibilitem aos profissionais da educação, conhecimento, interesse e flexibilidade para abranger novas formas de trabalhar dentro da sala de aula, visando a necessidade de cada aluno, bem como a compreensão acerca da importância da aplicabilidade deste método para um melhor desenvolvimento do sujeito com TDAH.

Quanto a relevância desta para a esfera acadêmica, justifica-se pelo intuito de haver cada vez mais trabalhos e materiais acerca desse assunto, visto que na grade curricular do curso, apresenta-se de forma breve dentro de algumas disciplinas.

2 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foram desenvolvidos conteúdos de acordo com o delineamento da pesquisa bibliográfica, bem como pesquisa qualitativa. Segundo Gil (2010), este tipo de pesquisa é realizado através de materiais já produzidos, incluindo artigos disponíveis na internet, teses, dissertações, livros, entre outros.

Dessa forma, para o desdobramento do mesmo, foram pesquisados materiais em português nas plataformas scielo, pepsic, google acadêmico, e livros voltados a temática abordada incluindo clássicos publicados até nos últimos vinte e cinco anos, pesquisados entre o mês de março e setembro de 2020. Como caminho para efetividade desse estudo, foram utilizados descritores como o brincar no processo de ensino-aprendizagem de crianças que possuem TDAH, psicologia e TDAH, educação infantil e TDAH, e o lúdico como método de ensino, reconhecendo-os como oportunidade que estrutura a caminhada rumo a essa compreensão.

3 TRANSTORNO DE DÉFICT DE ATENÇÃO (TDAH)

Reconhecer o que é Transtorno de Déficit de Atenção (DAH) é fundamental para nos propor a fazer uma caminhada sobre vários problemas relacionados a incapacidade de aprender que consequentemente levam ao insucesso escolar. Segundo Farrel (2008), há vários termos para designar os problemas de aprendizagem como: dificuldades perceptivas, distúrbios de aprendizagem, dislexia, disgrafia, entre outros, até chegar no termo mais usado que é Dificuldade de Aprendizagem (D.A), termo geral que refere-se a um grupo variados de desordem manifestadas pelo individuo por dificuldades significativas que podem ocorrer ao longo da vida.

Dentro desse panorama, em meio a diversos conceitos sobre as D.A é que podemos encontrar um dos transtornos responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem, o TDAH. De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (2014), baseada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o TDAH se classifica entre os transtornos do neurodesenvolvimento, e são caracterizados por dificuldades no desenvolvimento que se

manifestam precocemente e influenciam o funcionamento pessoal, social ou acadêmico do indivíduo apresentando-se principalmente em crianças e adolescentes.

Algumas particularidades são presentes neste transtorno, apontando para sua identificação, como a desatenção e a impulsividade. É também comum que crianças e adolescentes com TDAH, apresentem uma agitação motora. Por ser também conhecido como um desequilíbrio do comportamento que atinge a criança e o adolescente na sua complexidade, várias áreas de conhecimento se interessam em estudar e compreender o TDAH, como os educadores, médicos, psicólogos, e as famílias do sujeito que desenvolve esse transtorno.

É comum ouvir falar de crianças agitadas, que não conseguem prestar atenção em algo, que apresentam dificuldade em aprender e que na maioria das vezes são vistas como mal educadas e preguiçosas. Segundo Silva (2009), esses comportamentos apresentados com intensidade e frequência são características do TDAH. A hiperatividade, como outros transtornos não possui uma explicação, mas pode-se notar que as causas podem se manifestar de várias formas possíveis. Como afirma Barkley (2008), o TDAH pode surgir por diversas causas, inclusive traumas vindos de um processo que interrompeu o desenvolvimento da parte frontal do cérebro e de suas conexões com o estriado.

Silva (2009) salienta, que o diagnóstico ainda é um desafio para os profissionais que o realizam, tais como, psiquiatras, neurologistas, neuropediatra, psicólogos, pois não são usados exames para identificá-los. A autora esclarece, que quando confirmado o diagnóstico e a observação de características, é importante que o tratamento adequado seja logo iniciado, caso não aconteça, o portador do TDAH ficará vulnerável a situações constrangedoras que podem ocasionar depressão, baixa auto-estima, comportamento agressivo, inclusive o fracasso escolar.

Conforme Caliman e Domitrovic (2013), ainda se discute em diversos campos que se interessam pelo tratamento do transtorno, formas de melhora, desenvolvimento e aprendizado que não sejam apenas através da manutenção de medicamentos para o TDAH, e pontuam que há críticas sensíveis ao uso desses remédios no tratamento, mesmo com um uso possível no mercado da farmacologização e medicalização. Porém, isso não equivale a desconsiderar a contribuição do medicamento no avanço do tratamento, mas sim, repensar e discutir critérios de recomendação e administração responsável que colabore para um tratamento adequado do sujeito com disfunção.

Corsaro (2011) pontua que falar sobre TDAH é pensar sua amplitude em campos diversos como saúde, escola, família, sociedade. Lembra que na infância, apesar das

limitações que podem ser impostas por determinadas estruturas institucionais, ou diagnósticas, as crianças produzem saber de cultura, identificação, imaginação e exploração. Neste aspecto, o destaque não é transtorno, mas sim o sujeito em si, na sua escuta. Dessa forma, cabe refletir sobre como a relação do meio contribui para o desenvolvimento do transtorno, e o quanto é um aspecto que necessita de atenção. Portanto, entender o TDAH em todos esses vieses, reforça a escuta da criança no seu saber como espaço inaliável, capaz de produzir e aprender. Não se trata apenas da criança que não aprende porque é doente, ou porque possui déficit de atenção, há mais para além do transtorno.

4 ALUNO COM TDAH E O ÂMBITO ESCOLAR

Patto (2002) esclarece que quando se começou a estudar os motivos do fracasso escolar no Brasil, se utilizou da psicomетria e do diagnóstico como medida para entender esses processos. Contudo, serviu ao reforço de diversos tipos de desigualdades sociais, inclusive na própria escola. Na época, e durante muitos anos, os problemas de aprendizagem, ou as dificuldades dos alunos para aprender, serviu a patologia e exclusão. Havia uma intenção de padronizar o processo de aprendizagem, uma espécie de psicologização da educação, utilizando de escalas que baseavam analisar o que seria normal e patológico.

Refletir sobre esse contexto histórico, nos permite compreender os processos que as escolas ainda enfrentam para quebrar estereótipos de normal e patológico nos processos de aprendizagem, assim como o trabalho com alunos. Neste sentido, a psicologia faz uma contribuição significativa. Pensando sobre isso, Canguilhem (2012) apresentou uma análise de como termos de anormalidade e norma se constroem no âmbito escolar. Mostrando que se pode entender o anormal como o avesso da norma, o autor apontou como esse processo pode ocorrer de forma a catalogar doenças e processos de adoecimento. Pensar isso no contexto da escola auxilia para entender como esses movimentos de normal e anormal podem se manifestar nas relações dentro da escola, sendo ela um espaço de mudança e subversão.

O acesso à escola excede o ato da matrícula implicando na apropriação das necessidades básicas de desenvolvimento físico, social e intelectual, garantindo o avanço no saber mediante a uma aprendizagem com procedimentos didáticos e estratégias metodológicas adequadas às necessidades de todas as crianças. De acordo com Prestes (2015), o sistema educacional teórico tradicional exige que o aluno permaneça quieto, sentado por horas, e que sejam avaliados por provas monótonas sem interrupções, fazendo com que as crianças

portadoras do TDAH sejam penalizadas por tomarem atitudes adversas em relação a esse tipo de ensino.

Geralmente, crianças com TDAH apresentam algumas dificuldades específicas para desenvolver um processo de aprendizagem. Segundo Almeida (2015) isso ocorre porque a criança portadora desse transtorno possui dificuldades nas relações sociais, ao mesmo tempo em que apresentam sentimentos de vergonha, de dúvidas sobre a própria imagem, resultando em uma estima baixa de si mesma. Logo, crianças que têm interesse em brincadeiras perigosas, brigas constantes, falta de atenção, são comportamentos que ficam mais intensos se a criança possui TDAH, o que não deve servir para exclusão ou a avaliação de competência destas, como se ela não tivesse capacidade de desenvolver determinadas tarefas nas escolas.

De acordo com o autor, uma avaliação desses comportamentos deve considerar a sua presença em ambientes diversos. Ou seja, a criança deve apresentar essas dificuldades em casa, na escola e nas suas relações. Se a criança age com essas dificuldades em apenas um espaço, deve ser considerada uma avaliação da relação da criança com o espaço específico.

Algumas escolas têm realizado trabalhos fundamentais nos processos de acolhimento e trabalho com alunos que apresentam dificuldades específicas de aprendizagem, e enxergam o aluno com TDAH como um ser aprendiz e capaz de se desenvolver a partir de estratégias que contribuam nesse processo. Apesar de ainda percebermos diversos professores e escolas que consideram o TDAH como casos que não precisam de atenção e dedicação, isso não interfere no fato de que a escola é um lugar onde mudanças profundas podem ser criadas e fomentadas. Segundo Valle (2010), ainda que haja processos de autoridade, de um saber que o professor possui e transmite para o aluno, pode haver também um movimento contrário de construção de saber no processo de ensino aprendizagem, de escuta e movimentos em outra direção do aprender, considerando aqueles que aprendem com tudo o que constitui as suas subjetividades.

Reforçando esse pensamento Callari e Jardini (2010) afirmam que a escola pode ser lugar de criação de sentidos. Para isso, a escuta de quem compõe a escola é fundamental. Ouvir as crianças e entender suas particularidades, permitem que outros saberes se façam a partir dessa relação de escuta e abre caminhos para se pensar em novos métodos de ensino, mesmo que haja algumas dificuldades específicas. Complementam ainda, que compreender como a criança se sente com essas dificuldades, possibilita que a escola além de pensar estratégias para as ações pedagógicas em salas de aula, crie espaços para que as crianças possam trabalhar a partir dessas mesmas dificuldades.

Essa discussão aponta para a escola como o lugar da mudança, e quando esta assume um lugar de acolhimento das diversas formas de aprendizado e particularidade de cada aluno, estudantes que possuam TDAH, encontram nela um espaço de desenvolvimento, interesse e saber. Isso aponta para a escola enquanto seu caráter subversivo, saindo de uma passividade desse passado histórico no qual a escola serviu a norma. Para tanto, a escola precisa abrir mão de lugar de disciplina, de moral, de aprendizado de habilidades, para se tornar lugar de construção conjunta de saber. Neste sentido, alunos com TDAH podem encontrar nas escolas que assumem esse papel de construção de saber, espaço para aprender e desenvolver a partir de suas singularidades (PACHECO; EGGERTSDÓTTIR; MARINÓSSON, 2007). Isso equivale a ter uma preparação pedagógica que conhece e compreende as particularidades de determinados transtornos, trabalhando a inclusão e a participação de alunos nesse processo de construção aqui exposto.

Salienta Crochik e Crochick (2010) que quando a escola possui essa compreensão de transtornos como o TDAH, não faz uma análise rasa de que alunos aprendem porque estão atentos, e os desatentos não aprendem por não darem a atenção necessária. Não trabalham no viés na punição. Da mesma forma, significa fazer uma análise holística dos processos de aprendizagem dos alunos de modo que, não instituem processo de normatização, ou até mesmo de categorizar alunos. Ou seja, se os alunos estão com problemas de atenção, a escola não categoriza o aluno com TDAH. Por isso, se faz necessário um trabalho da equipe pedagógica, o qual se estende a uma preparação dos professores, capacitando a esse entendimento. Desta forma, a escola não se torna lugar disciplinador que diz o que o aluno deve fazer, ou que controla o aluno e ensina o que é normal ou não. Trabalhando no contrário disso, a escola como espaço de reflexão, escuta, construção de saber, não serve a normatização, e sim, favorece a inclusão.

O trabalho de Cypel (2007) esclarece que há relações na família que podem potencializar um transtorno de déficit de atenção, uma vez que as famílias têm deixado de serem espaços de afeto e segurança. Neste sentido, com um problema social de educação, as crianças chegam às escolas com diversas dificuldades emocionais e dificuldades familiares. Para muitas escolas, o desafio de como lidar com especificidades de aprendizagem alcança as relações na família como extensão dessas dificuldades. Ao mesmo tempo, cada vez mais as escolas estão buscando conhecimentos sobre transtornos diversos que podem dificultar a aprendizagem dos alunos, possibilitando que os alunos encontrem nas escolas relações que propiciem uma aprendizagem considerando as especificidades de cada um.

A escola que percebe o aluno com TDAH, tem o papel de contribuir para que este receba ajuda profissional, e dentro da sala de aula seja visto com sua particularidade, adequando o ensino com formas significativas para o seu desenvolvimento. De acordo com Benczik e Bromberg (2003), oferecer apoio e oportunidade para que os professores preparem atividades que direcionem o sucesso em sala de aula, permite que o aluno com TDAH possa se desenvolver melhor. Nesse sentido, é necessário que a escola incentive o professor a apoiar-se no que os alunos sabem fazer, descartando termos comparativos entre eles, uma vez que, tende a regredir o comportamento e desenvolvimento dos mesmos.

Como a hiperatividade afeta a tensão, a pessoa que sofre desse transtorno deve ser estimulada constantemente para que possa aprender conteúdos que lhes são oferecidos e melhorar sua atenção. Dupaul e Stoner (2007) afirmam que o mais apropriado é apoiar-se em uma rede interdisciplinar que engloba todos os contextos que a criança portadora de TDAH está inserida, e atuem conjuntamente no processo de desenvolvimento desta.

Dessa forma, vale ressaltar, que não cabe ao professor medicar ou acompanhar terapeuticamente o aluno que apresentar TDAH, mas reconhecer como se dá o processo de construção do saber dele, e a partir disso, encontrar meios para organizar o ensino de maneira individual e em grupo, considerando que cada aluno aprende de maneira distinta, oferecendo a condição para desenvolver o seu processo de aprendizagem.

5 O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

De acordo com Rau (2007) a palavra lúdico vem do latim ludus, e significa jogos ou recreações. Segundo o autor, este brincar envolve jogos, brinquedos e brincadeiras, remetendo-se também a palavra relativa à conduta daqueles que jogam, brincam, e se divertem. As brincadeiras permitem às crianças divertirem-se enquanto, ao mesmo tempo, aprendem sobre um determinado assunto.

Quando se discute o lúdico como estratégia pedagógica nas escolas, convém trazer o trabalho de Melo (2006), quando afirma que as atividades lúdicas nas salas de aulas, são vistas como parte de um conjunto de atividades que promovem o rendimento escolar, e relações de afeto facilitando o processo de ensino. Para tanto, se utilizam de jogos e brinquedos, que na estratégia de ensino e aprendizagem, tomam a escola um lugar mais atraente, ao mesmo tempo em que entusiasma um desenvolvimento integral da criança, sendo importante ressaltar ainda, que a escola organize e planeje juntamente com o professor essas

práticas, levando em consideração os objetivos a ser alcançados com os jogos e brincadeiras tendo em vista as principais dificuldades que as crianças apresentam.

De acordo com Almeida (2015), a criança em fase escolar que tem enorme dificuldade em se concentrar em determinado assunto, ou que por outro ângulo apresenta hiperfoco em atividades que lhe despertam interesse espontâneo, desafia professores a pensarem em estratégias que possam prender a atenção dela. Nesse sentido, é importante que os professores incluam em seus dispositivos de ensino, jogos, brincadeiras, dinâmicas e atividades desafiadoras que despertem ou aguçam o interesse dos alunos.

Como a brincadeira propicia que a criança reflita sobre o mundo e faça construções a partir da ludicidade, atividades que trabalham com esse viés, se revelam como uma boa estratégia para o ensino, pois favorece que a criança pense a realidade e construa mudanças através dela, permitindo ainda que elas trabalhem as relações com outras crianças e construam confiança consigo mesmas. As escolas que trabalham com o lúdico como estratégia pode contar com diferenças significativas no rendimento escolar (VOLPATO, 2017).

Complementa essa discussão Dohme (2003), quando afirma que o educador possui um papel essencial nas atividades lúdicas. Importante citar, que há uma diferença entre atividades de lazer, recreio, e atividades lúdicas com um objetivo de aprendizagem. Quando se usa o lúdico como estratégia de ensino aprendizagem, o educador é um mediador, o qual provoca desafios ao mesmo tempo em que incentiva que os alunos participem com sua criatividade nas atividades. As brincadeiras podem necessitar a intervenção dos adultos ou educadores auxiliando que as crianças se motivem a contribuir com as atividades. Neste sentido, quando a escola usa o lúdico nos seus processos, possibilita que as crianças despertem interesse em aprender, e façam novas relações de aprendizagem na sala de aula, de uma forma muito mais criativa.

Considerando isso, a disposição de como a sala apresenta seus objetos e espaços de trabalho, indica o papel que o lúdico possui nas escolas, ou no processo de aprendizagem dos educadores que trabalham com crianças com TDAH. De acordo com Fortuna (2011), quando os professores observam e procuram conhecer os alunos, a dinâmica da sala, eles podem criar espaços que favoreçam a imaginação e a criação desses alunos, como também contribuir para que o processo de ensino-aprendizagem recaia na formação da autoestima dos que possuem TDAH ou outro tipo de transtorno, evitando que sejam apontados como diferentes. Quando isso ocorre, tanto as brincadeiras, como apenas está inserido em um ambiente lúdico, favorece que os alunos possam adicionar no seu próprio mundo a ludicidade como algo natural nos seus processos de criação. Como a criança já possui essa tendência, quando a escola estimula

isso, possibilita que elas criem muito mais, e contribui ainda, para que ela desenvolva autonomia durante esse processo (FORTUNA, 2018).

Dado isso, como posto por Brock (2011), se faz fundamental que os profissionais de educação tenham conhecimento sobre a pedagogia do brincar. Neste sentido, a reflexão sobre o mundo é ponto central. O lúdico cria possibilidades de debate, ao mesmo tempo em que as crianças criam significados e sentidos do que percebe do mundo e de si mesma. Quando os educadores, e a escola, compreendem o lúdico nessa perspectiva, sabem que as contribuições para o desenvolvimento cognitivo das crianças são significativas. Dessa forma, as escolas podem fazer da ludicidade, ferramenta estratégica no seu processo de ensino e aprendizagem, criando uma escola lúdica, onde a brincadeira é a atividade que possibilita aprender, e não apenas alguns minutos de recreação. Isso faz uma diferença no planejamento pedagógico da escola, na formação de professores e educadores, onde a escola como o todo pensa ludicidade como ferramenta principal de trabalho.

6 CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TDAH

Embora muitas escolas ainda têm a ideia de que atividades lúdicas são utilizadas apenas como distração, diversos estudos tem mostrado a importância dessas atividades para o desenvolvimento da criança. Segundo Cunha (2012), o lúdico é fundamental para o desenvolvimento da criança, uma vez que, é justamente através do brincar que ela constrói suas relações, melhora a comunicação, desenvolve funções de pensamento e linguagem, habilidades de raciocínio lógico, autoimagem, aprende a tolerar frustrações, saber ganhar e perder, esperar sua vez, planejar uma situação, aprender a ouvir, entre outras. Nesse sentido, quando a escola insere a ludicidade no seu trabalho pedagógico, os jogos lúdicos tornam-se ferramentas eficazes na aprendizagem das crianças que apresentam TDAH.

Os jogos possibilitam que a criança entre em equilíbrio com o mundo, e possa se desenvolver. Confirma Piaget (1998) quando aponta que o lúdico é um espaço no qual a criança faz a sua relação com mundo, com os outros e consigo mesma. Ao mesmo tempo em que o lúdico faz correspondência com uma necessidade natural da criança, favorece ainda que o mundo possa ser construído, interpretado através do lúdico. Dessa forma, a interação social da criança com TDAH por meio do brincar, contribui para que ela desenvolva aspectos afetivos, cognitivos e motor juntamente com o meio que ela está inserida, permitindo-a

compreender que ela tem oportunidade de aprender, explorar e trocar experiências como todas as outras.

Para Vygotsky (2001), o brinquedo possui uma função fundamental no processo de desenvolvimento, exploração e aprendizagem, pois possibilita que a criança faça relação com a fantasia, favorecendo o desenvolvimento da cognição. Importante lembrar que quando o autor cita que os jogos evidenciam um campo imaginário, a partir de regras, a criança faz um enfrentamento de desafios. Desta forma, os jogos de forma lúdica, fazem um ensaio da vida e permite que a criança se desenvolva em campos como a autonomia e na relação com os outros. Uma vez que esses vieses possam ser trabalhados, uma criança com dificuldades de aprendizagem possa criar suas formas de aprender para além do adoecimento. Neste contexto, podemos perceber a contribuição da psicologia do desenvolvimento de forma ampla e atenta sobre as várias funções psíquicas que constituem a mente da criança.

De acordo com Biaggio (2009), a psicologia do desenvolvimento busca compreender o processo do desenvolvimento humano em todos os seus aspectos físicos e mentais do início ao fim da vida do indivíduo. Dessa forma, uma vez que o processo de pensamento entre o real e a fantasia da criança acontece, diversos aspectos funcionais e psicológico ganha com o lúdico outras possibilidades que colaboram para o desenvolvimento físico-motor, afetivo, emocional e social da criança, pois através da ludicidade ela começa a fazer uma mediação com a realidade, pensando sobre as regras sociais e seus sentidos e faz um processo de reflexão sobre impulsos.

Como é comum que as crianças apresentem comportamento irritado, o trabalho com a ludicidade permite que sejam realizados reforços a partir de ações positivas. Isso requer uma preparação da equipe pedagógica para que o trabalho seja realizado através dos incentivos com palavras e ações e não com punições de acerto e erro. Vale ressaltar, que a rotina permite que as crianças sejam inseridas em uma estrutura no tempo, o que aponta a rotina como essencial nesse processo. Com dificuldades de adaptar as mudanças diárias de conteúdos, a ludicidade associada ao afeto em uma rotina de ensino, contribui para que crianças com TDAH possam despertar interesse e aprender com mais facilidade (VIANA, 2013).

Além do lúdico, é importante que a afetividade seja vista como algo essencial no trabalho dos educadores. O trabalho de Freire (1996) pontua que afetividade permite que laços sejam construídos a partir de sentimentos que fazem das relações espaços de desenvolvimento e confiança. Para tanto, a escola deve ter como prioridade a ludicidade nas estratégias pedagógicas, e isso inclui o trabalho na formação dos professores neste sentido. Isso equivale a dizer que um esclarecimento se faz necessário entre separar a seriedade na

dedicação do ensino, de uma atitude carrancuda de ensino. Ou seja, não significa que os professores e educadores sejam simpáticos, ou sérios, e sim, que saibam utilizar do universo lúdico, da fantasia, da brincadeira como recurso de aprendizado e de trabalho com dificuldades particulares como o TDAH.

Neste sentido, os educadores precisam estar preparados para utilizar desse recurso na aprendizagem e não apenas como passa tempo em sala de aula ou recreação. Segundo Piaget (1998), os jogos não são apenas uma forma de entretenimento para gastar a energia das crianças, mas sim ferramentas que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual da mesma. Recursos como música, dança, pintura, expressões com o corpo contribuem para que as crianças possam aprender e se desenvolver em diversos aspectos que englobam desde a cognição até as relações sociais (PEREIRA, 2017). Dessa forma, a escola que está aberta a esse processo, promove nos seus espaços uma construção de saber a partir da imaginação das crianças, e faz uma diferença significativa para aquelas portadoras de TDAH, uma vez o método não faz do aprendizado um peso, mas permite que a criança explore a sua medida de invenção.

7 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA

Possibilitar a escola, por exemplo, determinada atenção ou trabalho psipedagógico, adentra em um traço de exclusão de grupos, sendo relativamente fácil que alunos precisem lidar com a determinação social de serem doentes e tomarem remédios. Essas questões como lembra Untoiglich (2013), são discutidas de forma singular com o trabalho da psicologia que chama a atenção para uma compreensão dos efeitos no campo das relações e do processo de ensino.

Segundo Collares e Moysés (2011), quando há uma insistência na medicalização, o tratamento do TDAH fica restrito a campos biológicos reduzindo as dificuldades de aprendizagem ao físico da criança, ou seja, não incluir a cultura, o ambiente, a dinâmica da família e da escola no processo de tratamento, direciona a responsabilidade para que a criança tente progredir sozinha. Essa é uma das críticas que a psicologia faz a medicalização do TDAH, apresentando a sua contribuição fundamental para ampliar a forma como o tratamento é realizado.

Adotar o método psicoterapêutico significa basicamente preocupar-se com os aspectos inconscientes da criança. De acordo com Bock (2008), o processo psicoterapêutico auxilia a criança com dificuldade de aprendizagem a desenvolver diversos fatores ligados a

interpretação, emoções, comunicação, e interações sociais. Dessa forma, nota-se a importância da psicologia nesse processo, uma vez que além de haver intervenções por meio de medicamentos, é válido que a criança com TDAH seja acompanhada por uma equipe multiprofissional, incluindo psicopedagogo e um profissional de psicologia para que haja uma intervenção ampla e educativa visando o desenvolvimento dela.

Pensando nesses contextos, o Conselho Federal de Psicologia (2012) organizou um fórum no qual discutiu sobre os modos de medicalizar na educação e na sociedade. Uma das discussões versou sobre as formas de enfrentamento desse contexto do uso do remédio. É nessa via que a psicologia enfatiza colocar o ambiente como questão. Dessa forma, um tratamento de uma criança com TDAH deve considerar os contextos que ela está inserida e não aponta-la como problema, ou um sujeito que não aprende.

O trabalho de Jerusalinsky (2011) destaca que é nesse âmbito que a psicologia contribui com o trabalho do professor, para que ele possa desenvolver na escola espaços de afeto e ludicidade, se atentando as questões que concernem a aprendizagem da criança. Neste processo, torna-se necessário ainda, que ele tenha conhecimento sobre o transtorno e as dificuldades de aprendizagem, para que não crie barreiras em relação aos alunos.

Pereira (2017) salienta que inserir o lúdico como método de ensino, traz à criança a possibilidade de vencer medos, angústias, traumas e tudo em que consiste a sua sensibilidade, além de ampliar as possibilidades de aprender com afeto e leveza. Nesse sentido, a psicologia usa o lúdico, principalmente como via de expressão e elaboração. Assim, o tratamento das dificuldades de aprendizagem recebe da área, um olhar atento e de escuta cuidadosa, de modo que, as crianças podem através de uma via própria fazer seus caminhos de um modo mais espontâneo e natural, aprendendo com possibilidades de fala e expressão considerando as suas possibilidades e limitações.

Dado esses entendimentos, se evidencia que medicalizar os problemas de aprendizagem é um modo de apagamento do espontâneo das crianças, ao mesmo tempo em que reforça comportamentos obsessivos (JERUSALINSKY, 2011). Por isso mesmo, que o trabalho com o lúdico faz uma contribuição significativa na aprendizagem dos portadores de TDAH. De acordo com Ribeiro e Melo (2018), o método de ensino permite que a criança se desenvolva em diversos campos, principalmente em espaços institucionalizados que os sintomas tomam outro viés, uma vez que é na escola que esses primeiros sintomas podem ser apontados. Nesse sentido, convém que a psicologia e a educação com um olhar amplo, possam trabalhar em conjunto para melhor tratar os alunos que apresentam esses sintomas.

Vale destacar que considerar o ambiente que a criança está inserida, é tirar dela uma espécie de culpa pelo não aprendizado.

Perceber os efeitos do lúdico na psicologia e no ensino-aprendizagem possibilita que a criança seja acolhida em suas limitações e desafios, não como um defeito a ser tratado, e sim em suas singularidades. Dessa forma, os métodos que incluam jogos, música e arte, se mostram as formas mais eficientes de trazer o lúdico para que a criança desenvolva a criatividade, mas não só. Prestes (2015) lembra ainda, que o lúdico e o afeto se mostram uma associação poderosa para que a criança possa ocupar no mundo seu lugar considerando seus modos de viver e pensar, e é neste viés que os processos mentais como memória e atenção, como também linguagem e pensamento, ganham com o lúdico, outra possibilidade de desenvolvimento para as crianças com TDAH.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre o caráter que o TDAH pode trazer, reforça a zela em se tratar a questão em espaços e formas diversas, visando as singularidades da criança e suas limitações. Não se trata de conceituar o transtorno, mas mostrar a importância e a contribuição do lúdico no processo de ensino-aprendizagem das crianças que o possui, ampliando a compreensão das diversas formas de desenvolvimento que o método provoca no sujeito. Ao mesmo tempo em que engloba o aprender da criança, o lúdico possibilita ainda, olhar a sua inserção social dentro e fora da escola.

A partir do estudo ora realizado aqui, percebeu-se que o lúdico é um excelente instrumento de ensino-aprendizagem para crianças com TDAH, e que a educação pode se valer dessa ferramenta para despertar o interesse destas, estimulando-as a expandirem seus pensamentos, ao mesmo tempo em que constroem uma relação afetiva com o mundo. Sendo assim, cabe ao professor buscar métodos que elevem o desenvolvimento cognitivo e corrobore para minimizar as dificuldades de aprendizagem dessas crianças.

É fato que os jogos e as brincadeiras servem de estímulo. Dessa forma, compreende-se que toda atividade que incorporar a ludicidade pode se tornar um recurso facilitador para o processo de ensino-aprendizagem de crianças portadoras de TDAH, desenvolvendo-as em suas diversas dimensões físicas e psicológicas como citados no decorrer do trabalho.

Neste viés, para que um ensino atenda às necessidades educacionais vigentes, se torna necessário materiais que valorizem a formação da educação continuada, proporcionando aos professores não só conhecimentos sobre as necessidades educativas especiais, mas recursos

adequados para atender o público presente em sala. Vale ressaltar, que a escola deve buscar, sempre que possível, formas de manter uma parceria com a família dos alunos juntamente com profissionais adequados, levando em consideração que ambos contribuem no desenvolvimento das potencialidades destes, e podem juntos, superar os obstáculos do cotidiano escolar, buscando sempre o bem-estar por meio de um ensino eficaz.

Em suma, espera-se a partir desse estudo, contribuir de forma efetiva para que professores de alunos portadores do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, reflitam suas práticas pedagógicas tornando a própria atuação mais adequada, visando à dificuldade e a singularidade de cada aluno.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. F. **Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental**. Portal dos psicólogos, São Paulo/SP, 2015.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BARKLEY, R. A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BENCZIK, E. B. P.; BROMBERG, M. C. Intervenções na escola. In: ROHD, L. A.; MATTOS, P. **Princípios e estratégias em TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BIAGGIO, A. M. B. **Psicologia do desenvolvimento**. 21ª ed. Petrópolis: Vozs. 2009.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008
- BROCK, A. Três perspectivas sobre a brincadeira. In: BROCK, A. e cols. **Brincadeiras: ensinar para a vida**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CALIMAN, L. V.; & DOMITROVIC, N. **Uma análise da dispensa pública do metilfenidato no Brasil: o caso do Espírito Santo**. Physis - Revista de Saúde Coletiva, 23(3), 879-902, 2013.
- CALLARI, A.; JARDINI, R. S. R. **O dilema da desatenção**. Bauru, 2010.
- CANGUILHEM, G. **O conhecimento da vida**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- CYPEL, S. **Déficit de Atenção e Hiperatividade e as Funções Executivas**. Atualização para pais, professores e profissionais da saúde. 3ª Edição revisada e ampliada. São Paulo: Lemos Editorial, 2007

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. Preconceitos no cotidiano escolar: a medicalização do processo ensino-aprendizagem. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO; GRUPO INTERINSTITUCIONAL QUEIXA ESCOLAR. **Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Subsídios para a campanha não à medicalização da vida: medicalização da educação**. 2012. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno_AF.pdf>. Acesso em 27 de setembro de 2020.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed 2011.

CROCHÍK, J. L.; CROCHICK, N. Texto: *A desatenção atenta e a hiperatividade sem ação*. Grupo Interinstitucional Queixa (org.). **Medicalização de crianças e adolescentes - conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CUNHA, A. C. T. **Importância das atividades lúdicas na criança com hiperatividade e déficit de atenção segundo a perspectiva dos professores**. 2012. 101f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação Joao de Deus, Lisboa, 2012.

DOHME, V. **Atividades lúdicas na educação: O caminho de tijolos amarelos no aprendizado**. Rio de Janeiro. Vozes, 2003.

DUPAUL, G. J.; STONER, G. **TDH nas escolas: Estratégias de Avaliação e Intervenção**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2007.

FARREL, M. **Dificuldades de Aprendizagem moderadas, graves e profundas: guia do professor**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FORTUNA, T. R. **O lugar do brincar na educação infantil**. Revista Pátio – Educação Infantil, v. 9, n. 27, abr.-jun., 2011.

FORTUNA, T. R. **Brincar é aprender**. 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179315/001069216.pdf?sequence=1>>. Acesso em 23 de setembro de 2020

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários a prática educativa**. 30ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. Como Classificar as Pesquisas. In: Gil, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010

JERUSALINSKY, D. A. Trata-se de caçar o caçador? In: JERUSALINSKY, Alfredo; FENDRIK, Silvia (Org.). **O livro negro da psicopatologia contemporânea**. São Paulo: Via Leera, 2011.

MELO, F. S. **Jogos e brincadeiras: espaço de ação escolar psicopedagogia no desenvolvimento infantil.** Bahia, 2006.

PACHECO, J.; EGGERTSDÓTTIR, R.; MARINÓSSON, G. L. **Caminhos para a inclusão - um guia para o aprimoramento da equipe escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

PEREIRA, R. M. F. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): Práticas Pedagógicas que auxiliam em sala de aula.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2017.

PHELAN, T. W. **TDA/ TDAH. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.** São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2005.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PRESTES, I. C. P. **Fundamentos teóricos e metodológicos da Inclusão.** – 1º ed. – Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2015.

RAU, M. C. T. D. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica.** 20 ed. Curitiba. Ibpex, 2007.

RIBEIRO, J. A.; MELO, D. S. **O lúdico no processo ensino aprendizagem do aluno com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).** 2018. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/8763>>. Acesso em 27 de setembro de 2020.

SILVA, A. B. B. **Mentes Inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

UNTOIGLICH, G. **Usos biopolíticos do suposto transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: que lugar para o sofrimento psíquico na infância.** In Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos. Memórias do II Seminário Internacional Educação Medicalizada: Dislexia, TDAH e outros supostos transtornos. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

VALLE, L. L. D. **Fundamentos da Educação Infantil.** Curitiba: Editora Fael, 2010.

VIANA, N. P. **O Lúdico em benefício da Aprendizagem de Crianças com Transtorno de Déficit de Atenção (TDAH).** Seminário Internacional Inclusão em Educação: Universidade e Participação 3. Maio de 2013 - Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <<https://revista.unifagoc.edu.br/index.php/multidisciplinar/article/view/428>>. Acesso em 27 de setembro de 2020.

VOLPATO, G. **Jogo, brincadeira e brinquedo: usos e significados no contexto escolar e familiar.** Criciúma, SC: UNESC; São Paulo: Annablume, 2017

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.